

ONTEM

Os metaleiros, contra Dusek e o Kid Abelha.

Os metaleiros — fãs dos grupos heavy metal — voltaram a atrapalhar a apresentação, ontem, no Rock in Rio, de artistas que não seguem sua preferência. Os integrantes do Kid Abelha e os Abóboras Selvagens e o cantor Eduardo Dusek foram vaiados, xingados e atingidos até por pequenas pedras jogadas por eles — concentrados logo à frente do palco. Irritado com as agressões, Dusek fez uma sugestão: "Se é para jogar pedra, por que vir a um festival de rock? É melhor ficar em casa e se suicidar". Disse ainda que seus agressores mereciam ser linchados. Os não metaleiros da plateia aplaudiram as sugestões de Dusek, que soltou ontem um sonoro palavrão ao microfone. A presença dos metaleiros ontem no Rock in Rio era justificada pelas duas atrações internacionais da noite: os grupos heavy Scorpions e AC/DC.

A pesar dos problemas com os metaleiros — que não perdoam o som new wave do grupo —, o Kid Abelha fez uma boa apresentação durante os 30 minutos que lhe foram dedicados. As músicas do LP *Sue Espião* foram bem recebidas pela maioria do público que, até aquela hora, não tinha mais de 30 mil espectadores.

Roupa prateada, luvas e botas vermelhas, Dusek entrou no palco montado numa velha lambreta e, antes de cantar, gritou o slogan da campanha de Tancredo Neves: "Muda Brasil". Sua apresentação manteve o toque irônico que o caracteriza. A maioria das músicas deste show foi retirada do penúltimo LP do cantor, *Cantando no Banheiro*, em que estão diversos rocks de sucesso.

Depois de Eduardo Dusek foi a vez de o Barão Vermelho subir ao palco da "cidade do rock" para apresentar uma seleção de seus três LPs. O Barão Vermelho foi o mais bem recebido dos brasileiros. Afinal, eles apresentaram alguns sucessos como "Beth Balança", "Maior Abandonado" e "Pro dia Nascer Feliz", capazes de agradar aos ouvintes das FMs e de não irritar os metaleiros. O som do grupo é um dos mais pesados entre os dos artistas nacionais escalados para o Rock in Rio. No final do show, a maior parte da plateia dançava, preparando-se para o som do Scorpions, que viria logo a seguir.

F.M.

HOJE

A estréia de Rita, a despedida de Stewart.

Dois estréias marcam hoje a sexta etapa do Rock in Rio, que tem a volta do astro Rod Stewart. Entre as atrações brasileiras, a mais esperada é Rita Lee, que deve cantar a partir de 20h05 até 21h05. A expectativa com a apresentação da mais famosa roqueira nacional deve-se, também, pela melhoria do sistema de som. Ontem à noite, os artistas brasileiros que se apresentaram notaram, com surpresa, que tinham praticamente o mesmo som dos astros estrangeiros, com técnicos e aparelhagem próprios.

John Michael — ou Ozzy Osbourne será a outra grande atração da noite de hoje. Pouco conhecido dos brasileiros — que sabem apenas de suas façanhas de comer animais vivos no palco —, promete um show com uma mistura de *Heavy Metal-Terror-Rock*, sempre viado pela União Protetora dos Animais cuja diretora no Rio, Marília Pinheiro, prometeu denunciá-lo à polícia, caso sacrificasse algum animal no palco.

A noite será aberta pelo Paralamas do Sucesso, seguindo-se Moraes Moreira, Rita, Ozzy e Rod Stewart.

M. M.

YES



Pouco passeio e muito ensaio

Um grupo de estilo único e incomparável

Não é necessariamente um grupo homogêneo. Há entre eles (são cinco) louros, morenos, ruivos ainda que alguns tragam nos cabelos algumas mechas coloridas tipo Pepeu Gomes. Também não se pode dizer que sejam tão divertidos quanto os Scorpions, por exemplo, nem tão loucos como o grupo de Ozzy Osbourne, ou tão sérios e discretos quanto James Taylor. Não é que tenham alguma coisa contra a imprensa, mas quanto mais distante dela, melhor. Assim são os integrantes do Yes, que se apresentam amanhã e domingo.

Esta é a primeira vez que eles viajam pela América Latina, o grande desafio da vida deles. Conhecidos pelos críticos como um grupo que possui um estilo "único e incomparável", já foram descritos como "divinos e grandiosos". Ficaram três anos sem lançar nenhum disco — "estávamos nos reciclando", explica Joe Anderson, o líder. Voltaram agora com o mais recente álbum (90125), considerado um disco sólido e bem preparado, com canções e som inteiramente novos, que eles irão apresentar no Rock in Rio.

Tímido, de maneiras simples, Anderson foi desde o início a maior força para o grande surgimento do Yes, em 1968. Está achando a vinda do grupo ao Brasil de grande importância para cada um deles. Já cantaram para grandes platéias, mas

nunca para nada tão "grandioso". De música brasileira conhecem pouco, mas citam Tom Jobim, Luís Bonfá e um deles — Tony Kaye, tecladista — até Chico Buarque de Hollanda, que ouviu em casa de amigos. O mais curioso do grupo é Trevor Rabin, seu mais novo integrante. Sul-africano, faz rock desde os 14 anos e aos 18 deixava a África do Sul devido aos conflitos raciais.

Anderson diz que não é só o Brasil que lucra com a realização de um espetáculo como o Rock in Rio. Ele lembra que os olhos de uma boa parte do mundo estão hoje postos no Brasil, que no próprio show há agentes em busca de novos talentos e que o simples encontro de músicos de tão diferentes nacionalidades já é, um grande mérito.

Eles não pretendem sair muito nem badalar pelas boates da cidade, apesar de saberem da boa fama de algumas. Vão curtir o Rio, suas praias, "se pudermos", e ensaiar o máximo que conseguirem. Adoraram o dueto entre Ivan Lins e George Benson, que parece ter um espaço muito especial no mundo deles. Detestam que pensem que não passam de um bando de roqueiros sem muito o que fazer na vida e lembram que "rock é música, música é vida, vida é isso tudo que está nas plantas, no mar, em nossas casas e nas coisas que amamos" (Anderson).

M.A.

Rock in Rio



Foto: Roberto Cerqueira

"Eu decidi que, onde..."



"...eu for necessária, vou..."



"...tocar. Não importa onde..."

Nina Hagen

Mística, diz que foi uma índia inca. Séria, fala de política e do amor.

Nina Hagen faz bem às pessoas. Por onde passa, espalha felicidade, seja pelo seu visual exótico, delirante e colorido, seja por um berro que dá, ou pelos sorrisos a todos que a cercam. Não parece conhecer o mau humor, essa mulher que tem muito de real misturado ao extraterrestre, e que descobriu uma forma de ser e de agir tão simples, natural — e, ao mesmo tempo, sempre tão inusitada —, uma espontaneidade que chega a ser quase indescritível, para quem não estiver com ela muito de perto.

— Sou Deus e os espíritos. Os espíritos me envolvem, me dão inspiração. Eles me dão idéias e informações que recebo no radinho de pilha, que sou eu. E aí faço.

Desde sempre e "até antes" foi assim, ela vai falando, sobre a fórmula que originou Nina Hagen, a cantora e performer que briga com suas cordas vocais e delas tira sons que imagina que canta as suas visões de mundo e os recados que recebe do mundo em que acredita. Mesmo viver. E vive.

— Tenho todas as influências. Todo o universo me influencia, todas as experiências e lugares por onde passo. Eu peço o que quero disso tudo. Porque eu tenho escolha: e peço o melhor.

Ontem, depois de ter concedido uma série de entrevistas, de ter participado de inúmeras gravações para a televisão e videoclipe, ela falou com exclusividade ao *Jornal da Tarde*. Parecia ter descansado a tarde inteira. Sua personagem de ontem se vestia com esmero e o conjunto total mostrava uma mulher maravilhosa, linda. (Tem quem a veja e chame de bruxa, a considere feia. Mas certamente são aqueles que a vêem sob a ótica normal dos terráqueos.)

Os cabelos, cor-de-rosa "bombom" — uma tonalidade por si só carregada de misticismo. Rosa, "a cor do amor", segundo ela, é sua predileta. "As vezes meus cabelos estão muito amarelos e eu boto sempre um pouquinho de rosa." Sobre uma calça de lycra colante preta, com bolas grandes e verdes, ela botou um short vermelho. Uma camiseta preta, comum, um cinto fino, laranja. Botinhas pretas. Na orelha esquerda, uma imensa rosa vermelha de papel e uma cruz azul. Nos olhos expressivos, a pintura carregada de preto, "kajal", os traços puxados para cima. O blush, laranja, forte e luminoso, espalhado. Um lado do rosto diferente do outro: como uma máscara indígena. O conjunto fica perfeito, harmônico. Nela é uma visão extraterrestre como as que apregoa e como muito dos seres que habitam sua vida junto com Deus, como sempre enfatiza. É ao "Ashtar Command" a quem deve satisfações:

— Jesus Cristo é o líder. E "Ashtar" está sob o comando de Jesus Cristo. Mas é "Ashtar" quem toma conta de todos os UFO's das nave que estão em volta do planeta. Ele é o responsável, o comandante.

Vai explicando e sempre falando muito do amor. Por alguns momentos, chega a interromper a entrevista para agradecer da

janela do hotel a primeira estrela surgindo no céu no final da tarde. Na volta, depois de dar seus berros, conta que fez um pedido à estrela Vênus, símbolo do amor. Faz "biquinho" para expressar que "sente muito" não poder contar o que pediu:

— Mas você vai saber. Porque vai tornar-se realidade e eu vou conseguir.

O tempo inteiro, de tudo o que fala, é do amor. Pelo namorado que cita várias vezes, Bob, vocalista do Crocodile Tears. Do amor pela amiga Angeline ("ela é do tipo exótico veneziano, linda"). Pelo seu anjo da guarda, a quem chama "Mish". Aproveita para avisar aos próprios que enviará um disco do grupo de Angeline para o pessoal da gravadora apreciar. "Ela não tem ainda quem a grave" — e exprime tristeza quando pensa nisso.

Vidas anteriores

Aos dez anos de idade, Nina Hagen, nascida na Alemanha Oriental, fazia parte da organização da juventude comunista. Hoje, brinca com mais essa sua experiência (anos mais tarde se auto-exiliaria por problemas criados entre o governo e um poeta dissidente, amante de sua mãe, Eva Marie Hagen, atriz e cantora lírica, de quem Nina herdou o dom de manejar a voz, mas formando o estilo que define apenas como "Nina Hagen Music").

— Fazer parte dessa organização é obrigatório. Você ajuda os velhinhos a atravessar a rua, junta garrafas velhas e coloca os jornais no lugar. Dá bastante trabalho fazer parte dessa organização... — relembra, acrescentando também que era obrigada a manter correspondências com amigos em Moscou. E formavam grupos que trocavam cartas e presentes entre si, davam festas. Todas essas coisas fazem parte dessa organização e eles "faziam a nossa cabeça". Ensinando todo um orgulho nacionalista, o que era ser alemão. "Todas essas lavagens cerebrais..." — observa, demonstrando horror ao totalitarismo.

Por isso, ontem, ela estava feliz também por nós, brasileiros, por causa da escolha de um presidente civil e do caminho para a democracia estar sendo aberto.

— Eu penso que isto tudo vai ser bom. O Brasil está mudando e isso é um sinal maravilhoso para o País ficar livre para sempre.

Nina Hagen fala e pisca, feliz, às vezes lembrando as caras da bonequinha de pano Emilia, criada por Monteiro Lobato. E sempre lembrando uma boneca de cabelos de nylon e muita cultura, além de uma exata dimensão política. Prevê: "A cultura vai crescer agora. Porque quando a repressão não é muito grande, a cultura se desenvolve e as pessoas ficam mais felizes do que antes. Os meios de comunicação serão mais livres e as pessoas conversarão mais. Vai poder falar coisas mais espiritualistas".

Sobre sua visão de América Latina, Ha-

gen surpreende com uma história: "Em uma das minhas antigas reencarnações fui uma índia sul-americana e vivia entre os incas. Eu tenho e sinto tudo isso no sangue por que sou, Nina Cohia, (lê-se Cônia). Nina Cohia é uma personagem mitológica peruana. A índia que o povo acredita que está voltando, que renascerá."

Nina Hagen acredita — fielmente — que é Nina Cohia. "Yes, a Nina Cohia de Berlim Oriental...", arremata, sempre sorrindo.

Nina Hagen disse que adora histórias em quadrinhos (seu próprio visual faz lembrar o de algumas personagens do que há de mais moderno e futurista em comics). "Em especial, adoro as histórias em quadrinhos indianas, em que aparecem personagens como Brahma, Shiva e outros. Todos são muito bonitos e os quadrinhos contam as tradições deles." Mas, além dos inusitados quadrinhos indianos que cultiva, assume, adora também as aventuras do Homem-Aranha e do Batman. Entre outros ídolos, mais reais, foi David Bowie quem mereceu destaque especial nas suas preferências. "E o Crocodile Tears, especialmente o vocalista Bob, meu namorado!"

São Paulo, mistérios.

Nos próximos dias 22 e 23 Nina Hagen estará fazendo pelo menos duas apresentações em São Paulo, no Latitude 3001. Mas Jim Halley, o manager que a está acompanhando nessa temporada pelo Brasil, comenta (falando baixo) que poderão ser quatro apresentações. Tudo é cercado por um certo mistério pelos managers. Para Nina Hagen, mais uma vez, é tudo muito simples. Gosta de São Paulo. "Mas não decidi ir tocar lá. Eu não decido nada assim. Eu decidi que, onde eu for necessária, vou tocar. Não importa onde. Se for necessária, e as condições estiverem certas, vou!"

Basicamente, segundo Nina Hagen, não há nenhum "projeto especial" para os shows em São Paulo (embora boatos digam que é possível até uma apresentação sua como cantora lírica, acompanhada de uma orquestra sinfônica) e ela deve repetir o mesmo esquema da apresentação que fez domingo passado e da que fará, no último dia do Rock in Rio, no próximo domingo — quando promete uma "surpresa". Que surpresa?

— Its top secret. Big secret. ("Um grande segredo.")

Quando o manager a chama, não se apressa. Está feliz e cantarola mais frases incompreensíveis da sua linguagem extraterrestre ou num inglês típico de seu grupo de artistas modernos. Forçada (adora falar, falar, falar), diz "tchau" e promete:

— Hoje à noite, na minha meditação vou mandar um raio cor-de-rosa do amor para você. E você vai senti-lo chegando.

Marli Gonçalves

VIOLÊNCIA

Até um tiroteio. Com um ferido.

Desde a abertura do Rock in Rio, os principais casos de violência têm-se registrado entre agentes da Polícia Federal e seguranças da Artplan. Ontem à noite, por exemplo, cinco agentes do DPF tentaram entrar à força na área do festival e foram barrados. Houve luta corporal, dois seguranças da Artplan acabaram sendo agredidos. Na noite anterior, junto ao portão dois houve até tiroteio. Agentes da Polícia Federal atiraram contra os seguranças do festival e uma bala perdida acabou atingindo no peito o motorista Júlio César Vizeu Soares, que está internado no hospital Souza Aguiar.

Segundo os seguranças da Artplan, os agentes da Polícia Federal estão atuando do lado de fora das bilheteiras, revistando as pessoas que compram ingressos e querem entrar. Essa revista já é feita por um batalhão de seguranças da Artplan, que impedem a entrada de pessoas não só com cigarros de maconha, mas também com qualquer tipo de material contundente — garrafas, latas, guarda-chuvas etc.

No Copacabana Palace, houve outro caso de violência. Anita Gomes, de 26 anos, queixou-se na 12ª Delegacia que foi sequestrada por seguranças da Artplan que estão no hotel para dar cobertura aos integrantes do conjunto Queen. Segundo ela, o ataque ocorreu quando foi ao hotel visitar um amigo de seu marido, que chegou da Itália, e ao passar pelo local onde os seguranças estavam um deles perguntou se ela não gostaria de ver o conjunto inglês. Após responder que sim, diz que foi levada até uma sala próxima ao terraço e sequestrada.

E MAIS

JAMES Taylor não escondeu sua emoção, na madrugada de ontem, diante do entusiasmo da plateia. Ele teve de voltar duas vezes ao microfone para cantar mais, atendendo aos pedidos. No encerramento do show, chamou todos os membros de seu grupo e, de mãos dadas, agradeceu. Como fazem os atores de teatro.

O PROMOTOR do Rock in Rio, Roberto Medina, recebeu ontem um prêmio da revista norte-americana *Performance Magazine* por seu trabalho na organização do festival. O editor da revista, Dan Wait, justificou a escolha pelo fato de o empresário ter realizado "o maior festival de música do mundo".

DE ACORDO com os comentários dos correspondentes estrangeiros que fazem a cobertura do Rock in Rio, qualquer outro festival de rock que se realizar no mundo deverá basear-se no palco montado em Jacarepaguá.

MUITO mística, a cantora Nina Hagen tem sido ciceroneada pelo casal Baby Consuelo e Pepeu Gomes, com quem acertou um encontro com o guru Thomas Green Norton. Foi este quem inventou o grito "Rá", marca registrada do casal, que Nina ainda pode incorporar à sua série de particularidades.

O COMPLEXO e sofisticado equipamento de som trazido pelos artistas estrangeiros está sendo apontado como responsável pela demora da montagem do palco para os shows. Em consequência, atrasos de mais de meia hora entre os grupos do Exterior têm anulado as vantagens do palco triplo giratório.

BEM GIORDANO é o nome escolhido por Gilberto Gil e sua mulher Flora para o bebê que nasceu na noite de domingo, um dia após a apresentação de Gil no Rock in Rio. É o primeiro filho do casal e o sexto do cantor e compositor baiano.

MILITANTES do MR-8 distribuíam ontem, na "cidade do rock", panfletos de apoio ao festival. Segundo as palavras dadas por um grupo de esquerda conectado pelo radicalismo, o rock surgiu no período de maior resistência do imperialismo aos avanços sociais que ocorriam em todo o mundo.



Nossa equipe no Rock in Rio: Marli Gonçalves (enviada especial), Magda de Almeida, Fernando Mendes (texto), Fernando Bueno e Roberto Cerqueira (fotos).

OZZY OSBOURNE



Osbourne, fora do palco: tranqüilo.

Em casa, um pacato pai. No palco, um demônio.

A Sociedade Protetora dos Animais e todos aqueles que lutam pela preservação da fauna mundial podem ficar tranqüilos: Ozzy Osbourne não irá comer pintos ou engolir morcegos vivos durante os dias que se apresentam (hoje e sábado) no Rock in Rio. E, para quem não sabe, o rei do heavy-terror-rock afirma que é um pacato (todo mundo ri quando ele diz isso) chefe de família, marido "fiel" de uma bellissima mulher e pai de uma menina que é o grande amor de sua vida.

Logo que chegou ao Rio, o pessoal da Artplan tratou de colocá-lo a par dos gostos nada exóticos do povo brasileiro em relação a certos tipos de animais. É verdade que lhe disseram que num recente jogo entre o Flamengo e o Fluminense um pobre urubu foi trucidado diante de milhares de pessoas. Já lhe contaram também que é bem possível que isso aconteça durante a sua apresentação. Ele sabe que nada poderá fazer para evitar e garante que urubu não é o seu forte. Pelo sim, pelo não, a Artplan vai aumentar a fiscalização hoje e no sábado. "Com urubu na mão, ninguém entra..." — assegura.

Ele chegou ao salão vermelho do hotel Rio Palace, para a tradicional entrevista coletiva, mais para John Michael Osbourne do que propriamente para o satânico Ozzy. Naturalmente extravagante, mas sem as roupas espalhafatosas que o caracterizam, com um chapéu que lhe deixava parte do comprimento do cabelo à mostra. Simpaticíssimo, um eterno gozador do espanto alheio, não foi possível falar sério com ele. Diz que no palco "é outra pessoa" e que tudo o que faz e diz ali faz parte da sua música e do que o público gosta: "Se

não fosse assim, ninguém assistiria aos meus shows. E tanto sempre para multidões."

Não é de hoje que Ozzy Osbourne (32 anos) é uma figura cultuada e ligada a ritos satânicos. Ele foi fundador e vocalista da banda que era literalmente um rito satânico: Black Sabbath, um grupo expoente desse tipo de rock que surgiu com a corda toda nos anos 70, arrebanhando milhares de jovens de todo o mundo. Os próprios posters publicitários de Ozzy mostram-no com o "sangue de suas vítimas" escorrendo boca abaixo.

duas enormes presas dispostas a pegar o primeiro peixeço bonito que aparece. Pois esse mesmo homem afirma ser capaz de chegar em casa e ajudar a mulher a preparar a mamadeira da filha, e que pode ser visto nos domingos de folga passeando com as duas, num parque qualquer da Inglaterra ou da cidade onde estiver. Suas roupas louquíssimas, seus gestos teatrais no palco, as tatuagens pelo corpo, a mensagem de violência que transmite, nada mais são para ele do que "aspectos de uma mesma obra de arte". No palco ele é, ao mesmo tempo, ator e cantor.

Hoje diz que tem tudo o que quer. É o centro das atrações aonde quer que vá. Quanto ao fato de ser visado pelo FBI, pela polícia e pelas ligas religiosas que acham que durante seus shows o demônio é mesmo invocado (há quem garanta que até aparece), acha tudo "muito divertido". Com o lançamento recente do álbum duplo *Speak of the Devil*, a CBS completou no Brasil a discografia de Ozzy Osbourne, que hoje é o roqueiro mais cultuado pelos adeptos do heavy metal. E não é para menos: foi um dos iniciadores desse estilo, que a medicina condena, os pais têm medo e a garotada adora.

Vencedor na Inglaterra, Ozzy partiu para a conquista dos Estados Unidos e lá obteve público ainda maior que em suas apresentações londrinas. M.A.

B-52'S



Todas tocam e fazem de tudo

No Rio, para o que der e vier.

Há muito tempo, o público carioca não via cabeleiras tão monumentais. A de Kate, ruivíssima, atinge uns 40 centímetros de altura. A de Cindy Wilson lembra aqueles penteados tipo "bolo de noiva" usados pelos roqueiros da década de 50. Fred Schneider, com seu bigodinho de pontas viradas para cima, é uma réplica anglo-saxônica de Salvador Dalí. Da pequena cidade de Atenas, na Geórgia, para o Brasil, os B-52's estão "para o que der e vier" no Rock in Rio. Eles apresentam-se sexta e domingo e, como todos os grupos estrangeiros que aparecem no salão vermelho do Rio Palace, são muito divertidos e têm respostas prontas para todas as perguntas, por mais inusitadas que sejam.

Com o Brasil entrando na redemocratização, o clima da entrevista dos B-52's esteve mais para o político do que para o rock. Todo mundo queria que Kate, Cindy (com um decote ousadíssimo) e Fred falassem das eleições brasileiras, da intervenção norte-americana na Nicarágua em particular (e na América Central em geral) e dessem suas posições políticas. Não se fizeram de rogados. São a favor da social-democracia, acham que os americanos deveriam deixar o mundo em paz.

Em um dia de um mês qualquer de 1975, cinco pessoas cruzaram-se na cidade de Athens, na Geórgia. Um encontro que

poderia ser casual e que resultou na formação da banda mais original e única no movimento new wave americano. Em outubro desse mesmo ano, Fred, Kate, Ricy, Cindy e Keith começaram a se reunir no porão da casa de um amigo. Como não dispunham de muitos instrumentos, tocavam com o que tinham: um tamborim, seis órgãos Hammond. O nome da banda surgiu após um sonho de Keith, baterista, onde apareciam várias mulheres de outro planeta tocando órgão e usando perucas imensas, iguais às que as meninas do grupo usam até hoje (carregam duas pesadas malas só para elas).

Como nos Estados Unidos o nome desse tipo de penteados é *bouffant* e como ele foi mais usado no ano de 1952, daí veio o nome do conjunto: B-52's.

Fred, o líder do grupo, conta que eles não usam nenhum esquema especial para compor suas músicas. Deixam que a inspiração flua e só depois é que o grupo se junta para "ajeitar as coisas". Estão adorando o Rio de Janeiro, já conheciam o País (ao contrário de muitos, nunca duvidaram de que o Rio de Janeiro ficava mesmo no Brasil), já andaram pela praia de Copacabana como turistas comuns, sentiram o prazer de poder sair à rua sem serem molestados por tietes fanáticas e "se der" vão ficar por aqui mais uma semana. M. A.